

# Mulheres de Abril À Praça

ARCHICAD VERSÃO EDUCAÇÃO  
GRAPHISOFT.

<http://alma-lusa.blogs.sapo.pt/estreia-tv-mulheres-de-abril-rtp1-1127187>

A casa é das mulheres e a rua é dos homens

Uma mulher antes do vinte e cinco de Abril, que cedo descobri a desigualdade que existia entre homens e mulheres, começando com os colégios divididos onde rapazes e raparigas estudavam separados. Soube também o que era perder alguém querido, alguém que desapareceu sem despedir-se, nem dizer para onde iria, simplesmente muita gente á minha volta desapareceu sem deixar rasto, pessoas essas que nunca mais voltei a ver.

A ditadura fazia-me sentir com vontade de fazer algo que pudesse travar essa desigualdade pois neste tempo o pensar do homem era que a mulher só estudava e trabalhava até se casar depois iria ser a dona de casa sómente e so se o seu salário fosse inferior ao do marido pois se isso não se verificasse não haveria casamento. Ainda nas Universidades era proibido uma mulher ir de calças podendo mesmo vir a ser expulsa caso houvesse uma inspeção.



[http://www.tagv.pt/wp-content/uploads/2014/01/25a\\_mulheres.jpg](http://www.tagv.pt/wp-content/uploads/2014/01/25a_mulheres.jpg)

Mãe, esposa e dona de casa...



<http://www.portugalize.me/2013/04/24/o-que-nao-se-podia-dizer-antes-do-25-de-abril-de-1974/>

O dia em que tudo mudou....

Com o 25 de Abril, veio a liberdade mas para nós mulheres veio algo mais, pois a revolução de 25 de Abril trouxe os direitos que antes nos eram vedados.

As palavras podem ser ditas ou cantadas mas silenciadas nunca mais...

Vamos cantar "Grandola Vila Morena"



<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=10079.001.009>

Foi com o 25 de Abril, com a revolução proporcionada pelo movimento das forças armadas-MFA que permitiu a alteração do estatuto da mulher, podendo então ocupar cargos até a data denominados como cargos exclusivos masculinos. Podendo ser juízas, diplomatas,...

Fim do pesadelo e dos medos....

Um país livre....

Mudanças significativas na posição das mulheres na sociedade....

# BERLIN WALL

CIÊNCIAS SOCIAIS    DOCENTE : ROBERTO FALANGA  
M.I. ARQUITETURA    ALUNO : MIGUEL PAIXÃO



=



Estávamos no mês de Agosto de 1960, eu e a minha irmã mais nova decidimos ir fazer uma visita aos nossos avós, à revelia dos nossos pais, os quais se oporiam à nossa intenção pelo perigo que representava andar nas ruas naquele tempo, uma vez que o ambiente que se vivia na nossa cidade, Berlim, era de grande tensão política e social.

Pelo caminho apercebemo-nos das grandes mudanças na cidade, especialmente, a rapidez e o receio com que as pessoas se moviam, para além da existência de inúmeros militares que caminhavam em grupo ao longo das ruas.

Chegadas a casa dos meus avós verificámos que nos era impossível entrar, uma vez que um rolo de arame farpado obstruía a entrada. Deveras assustadas, chamámos pelos nossos avós, os quais surgiram numa das janelas principais acenando-nos com as lágrimas nos olhos. "Voltai para casa, queridas. Outro dia nos veremos, agora não". Disseram-nos eles.

Com o coração oprimido obedecemos, não sem antes lhes acenar-mos, com um pressentimento sombrio. Algo de grave se estava a passar.

Este pressentimento foi-se confirmando. Com o passar do tempo vimos surgir à nossa frente um muro que depois de pronto era fortemente vigiado e patrulhado por guardas.

Este muro, acabou por separar a minha família e muitas outras, criando fragmentação e isolamento social. Foi o que aconteceu com os meus avós. Ali ficaram na sua casa, sós e desamparados, do outro lado do muro. Aquela seria a última vez que os vi. Isso fez crescer em mim uma raiva enorme, e um desejo de mudança que, com o tempo, se aprofundaram.

Com o evoluir do tempo comecei a perceber que o muro mais do que uma cidade separava dois mundos distintos, duas formas de viver completamente distintas. A Alemanha dos meus avós representava para nós o "el dorado": liberdade, direitos, democracia. O nosso lado, controlado por um regime comunista, repressivo, representava o poder do Estado sobre o indivíduo, a falta de liberdade de escolha, o medo.

Os meus pais, preocupados com o nosso futuro, conspiravam o "salto" para o outro lado à procura de melhor qualidade de vida, junto dos nossos avós, do lado ocidental. Todos os dias ouvíamos histórias dos que tal tinham conseguido, como a família Bauer, nossa vizinha: pai, mãe e bebé já podiam sonhar uma nova vida. Porém, para muitos a "grande aventura" acabou em morte, sangue ou prisão, seguida de uma vida de ameaças e vigilância.

Tiveram de passar 28 anos até chegar aquele dia, 9 de novembro de 1989, em que uma multidão começou a destruir o muro, crianças incluídas, e eu já uma jovem mulher pude finalmente dar o "salto" desta vez sem medo, em grande euforia e pude abraçar o "outro" e dançar, dançar...



Faltam umas quantas subespécies de bandeiras... Sobretudo mais raras (horizontais brancas e verticais e muitas mais estrelinhas, entre as 50 e 60... mais coisa menos coisa). Existe alguma bandeira para o "ser humano"? Ou será a junção de todos elas? E inconscientemente nestas 2?



As "Walls" de hoje...



Talvez em Photoscape pareça ser uma foto antiga e talvez não muito bem sei o momento em que a senhora-come para contar aos amigos e familiares o acontecimento. A queda do muro de Berlim.



Verão nos lidos costeira! Olá-rabó, olá-rabó.



Quase Identidade, Que se "tiram" as Walls!



A memória. Reconstrução da Igreja destruída pela guerra.



Alguns entre a Train e o Metrô, sem não ligar. O Parlamento.

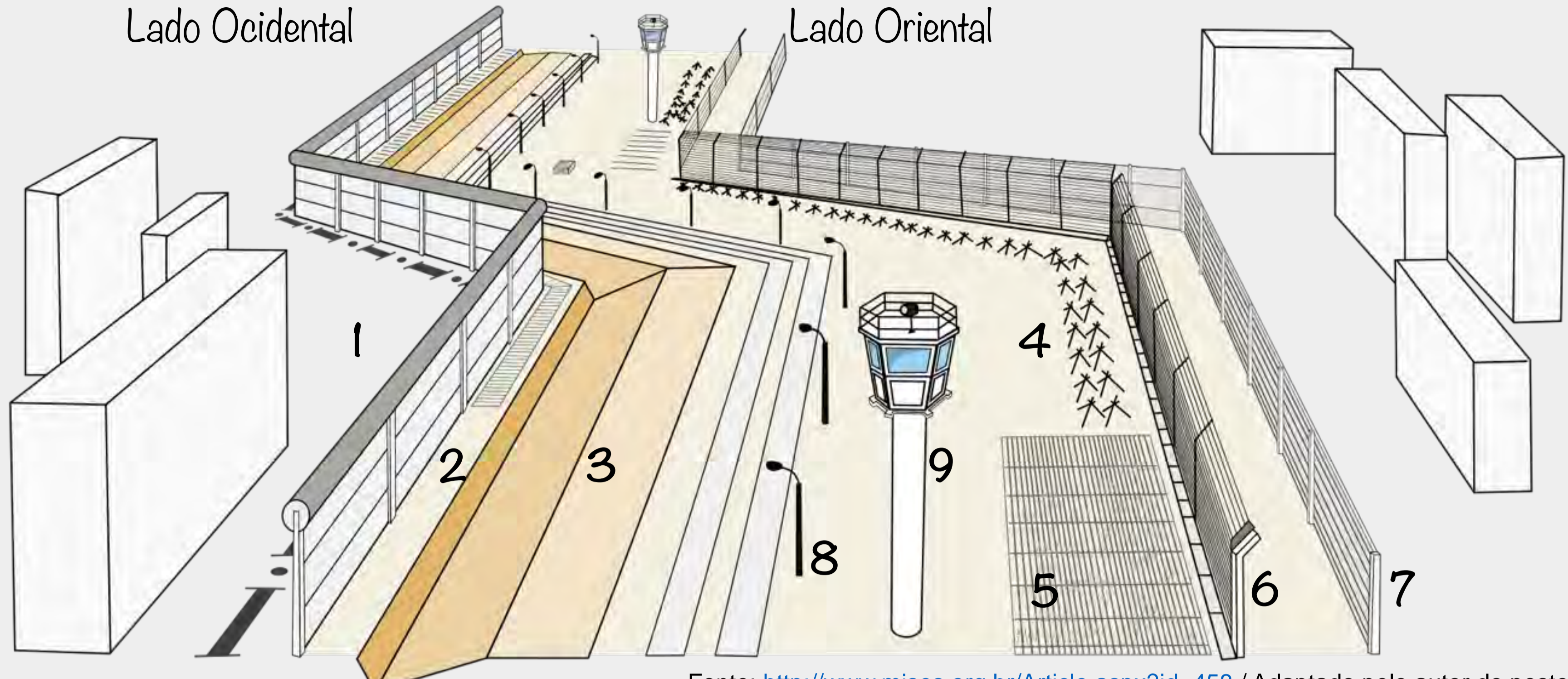


# O IMPACTO DO MURO

Lado Ocidental Lado Oriental

## Legenda

- 1 - Parede frontal (Muro)
- 2 - Armadilha para tanques
- 3 - Pista Operacional
- 4 - Obstáculos para tanques
- 5 - Terrenos arados
- 6 - Cerca de alarme
- 7 - Parede interna
- 8 - Holofotes de 5 m de Altura
- 9 - Torres de vigia 190 unidades



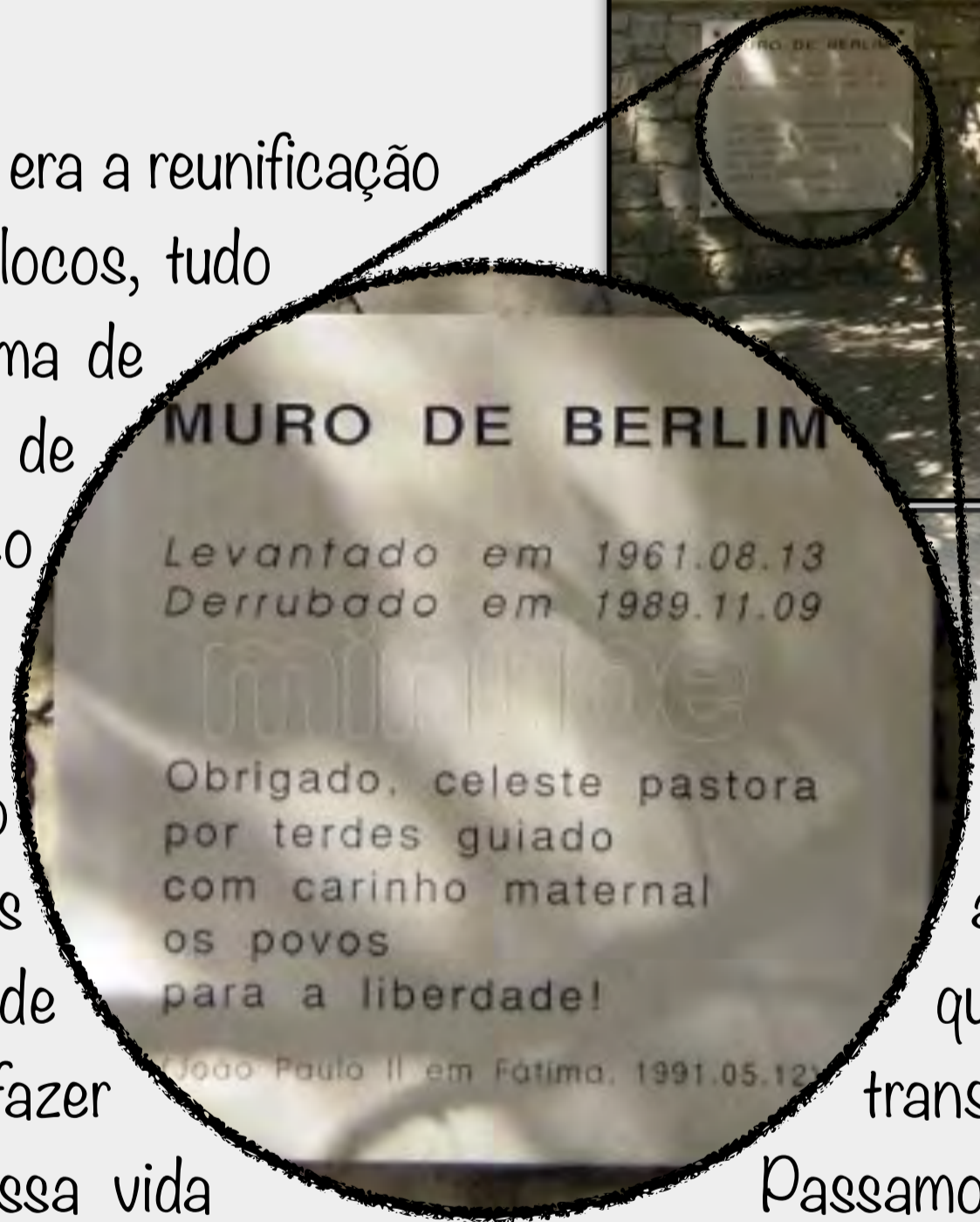
Fonte: <http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=458> / Adaptado pelo autor do poster

13 de Agosto de 1961, data que nunca poderei esquecer, apenas com 10 anos foi retirado o meu pai da minha vida, uma das pessoas que mais amava, foi separada de mim por um muro alto e sem fim, às vezes ainda parecia que o ouvia do outro lado a chamar por mim. Mas a minha mãe dizia que não era possível, e que nunca mais o iria ver nem ouvir. Eu bem perguntava o porquê mas ela não me sabia responder, apenas me dizia que as pessoas do nosso lado, lado Ocidental não se puderam defender pois não sabiam o que ia acontecer e que tudo era por causa de divergências devido à Guerra, mas eu não percebia o que isso era, apenas queria o meu pai de volta. Era pequenina mas ouvia muitas pessoas a chorar pois também tinham perdido família, e ainda houve quem tentasse atravessar para o lado Oriental mas não conseguiram pois havia soldados a vigiar e muitas vezes já nunca mais os via, ainda me lembro que passamos muitas dificuldades pois éramos de classe social baixa como diziam e não tínhamos liberdade. Ainda havia movimentos coletivos como manifestações onde diziam que tudo aquilo era ilegal mas nada mudava.

Fonte: <http://www.panoramio.com/user/1410311/tags/CONCELHO%20DE%20OUREM%20-%20PORTUGAL/> Adaptado pelo autor do poster

Acabei por crescer sem o meu pai, mas um dia mais tarde tudo mudou, outra data bastante importante para mim. A 9 de Novembro de 1989, finalmente vi o meu pai, no Ocidente tanto lutamos que conseguimos finalmente destruir aquele monstro que assombrava inúmeras famílias, foi a queda do Muro. A alegria sentia-se a toda a nossa volta, lágrimas corriam no rosto enquanto abraçava o meu pai que mal me reconheceu, pois já não era nenhuma criança, mas o sentimento de liberdade, os gritos, as alegrias eram imensas, que apenas conseguíamos agradecer à nossa pastora por toda a força que nos deu.

A divisão espacial e simbólica tinha finalmente desaparecido, era a reunificação alemã. As pessoas conseguiram derrotar o separação em blocos, tudo muda, novas estruturas, melhoramentos económicos, e acima de tudo o fim de uma ditadura que destruiu famílias, mas acima de tudo que destruiu a vida, tudo isto passou a ser um único grupo com os mesmos direitos e com sentido de liberdade.



A queda do muro veio mudar toda a Europa não fomos só nos que nos voltamos a unir com as nossas famílias, eu com o meu pai, foi a nossa cidade que também mudou, já podíamos receber turistas, já podíamos fazer transportações e contar ao mundo como foram os últimos anos da nossa vida. Passamos dificuldades, cresci sem família, tinha uma mãe a sofrer e não tinha pai, mas ainda assim conseguimos vencer os preconceitos, conseguimos vencer a vida e conquistar a liberdade. Havia um elemento arquitetónico que me separava fisicamente do meu pai, mas acima disso separava a cidade, separava a vida, eram dois mundos, dois blocos distintos, mas a sua destruição levou a mudança da nossa vida, da nossa cidade, levou a junção daquilo que nunca devia ter sido separado. Mas acima de tudo a Queda do Muro fez com que pudéssemos mostrar ao mundo que a união faz a força, que a união das pessoas e a luta por aquilo a que tem direito, acaba por ter resultados positivos apesar de todo o sofrimento que passaram. A participação pública na luta contra uma ditadura e um repressão é a maior força de uma sociedade. Quando construíram o muro ainda não tinha capacidade de entender o que se passava mas os anos passaram e fui começando a entender, as manifestações aumentaram e finalmente percebi, que a sociedade unida pode mudar o rumo da história, e foi esta união que me voltou a juntar com o meu pai, o meu herói.

Fonte: <http://150anos.dn.pt/2014/07/31/1989-queda-do-muro-de-berlim/>

# THE VOICE | TRINCHEIRAS

OF THE VOICELESS | FERIDAS TALHADAS NA TERRA

ARCHICAD VERSÃO EDUCAÇÃO  
GRAPHISOFT.



<http://thumbs.media.smithsonianmag.com/filer/Shellshock-World-War-I-British-troops-Battle-of-Arras-631.jpg> 800x600 q85 crop.jpg

## APENAS HUMANO

Do outro lado, estão homens que vestem outro emblema, defendem outras cores, obedecem a outras ordens, mas apesar de tudo, homens como eu. Somos dispensáveis aos olhos das nossas autoridades. A camaradagem fez-se numa vontade mútua de cessar as hostilidades da guerra deixando lugar a um jogo de futebol. Os nossos gritos de euforia e festejo não se fizeram ouvir pelo campo de batalha, mas o silêncio das nossas armas fez ainda mais "barulho".



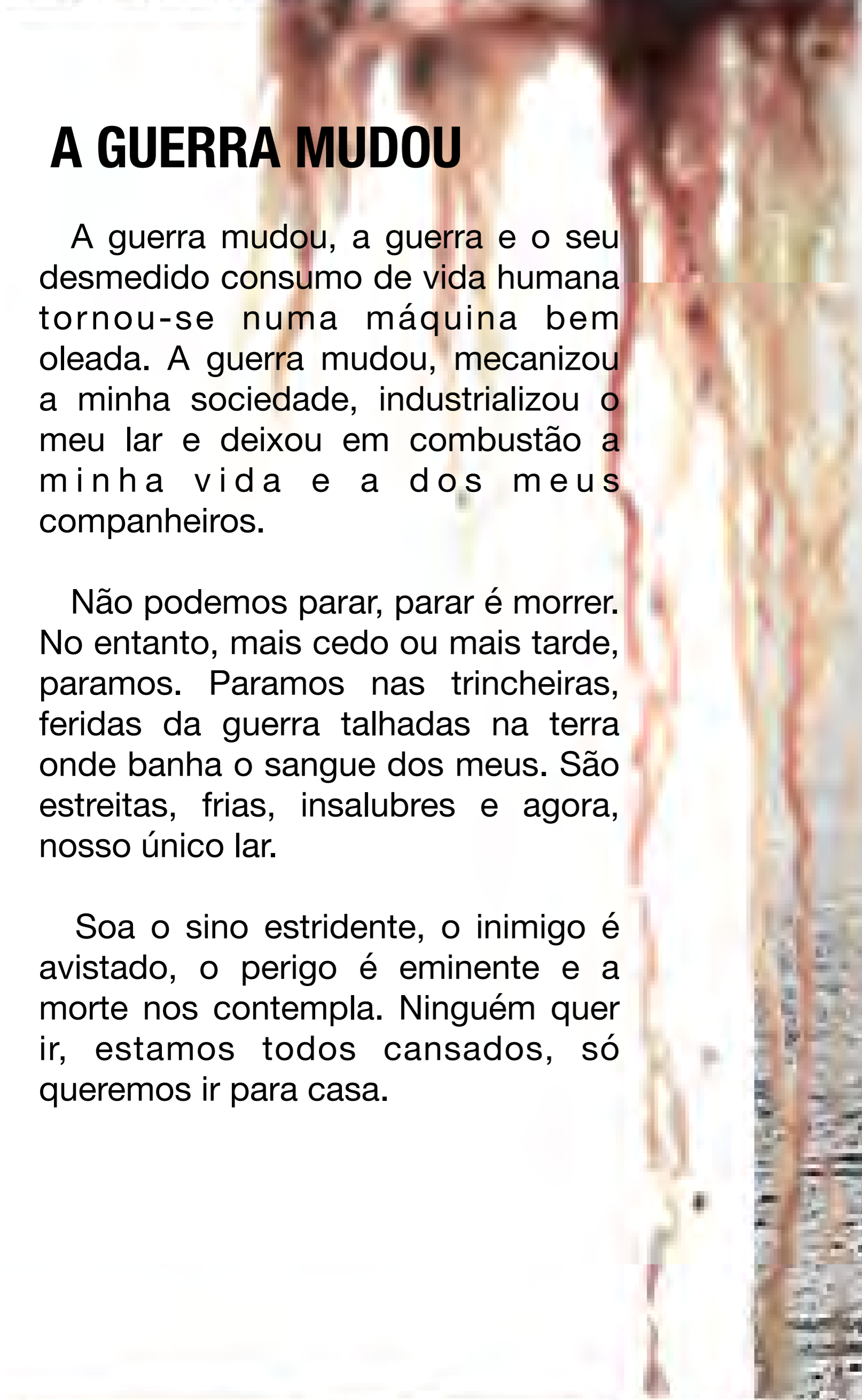
<http://www.dailymail.co.uk/news/article-2276931/Football-match-planned-Flanders-battlefields-mark-centenary-World-War-One-Christmas-truce.html>

## A GUERRA CESSA, AS MARCAS PERDURAM

Voltámos a casa em muito menor número do que os que partiram. Eu já nada tinha, nem lar, nem rosto, nem identidade. Era visto como uma aberração, as pessoas que eu servi olham-me de lado sob pretexto das atrocidades que eu cometi, que o meu país me obrigou a cometer.

Para além dos danos físicos, nunca mais serei o mesmo. Visto uma máscara, tento esconder a ausência da minha carne, mas também da minha humanidade perdida. A cada bala disparada, um pouco de mim morria. Só queria voltar para casa, mas regressei morto, sozinho, isolado do meu próprio lar. A guerra mudou e com ela, eu também.

Imagem retrada da Exposição RI14 - Regimento de Infantaria nº14, na Grande Guerra, que decorreu entre os dias 19 e 27 de Março no Palácio do Gelo, Viseu.



## A GUERRA MUDOU

A guerra mudou, a guerra e o seu desmedido consumo de vida humana tornou-se numa máquina bem oleada. A guerra mudou, mecanizou a minha sociedade, industrializou o meu lar e deixou em combustão a minha vida e a dos meus companheiros.

Não podemos parar, parar é morrer. No entanto, mais cedo ou mais tarde, paramos. Paramos nas trincheiras, feridas da guerra talhadas na terra onde banha o sangue dos meus. São estreitas, frias, insalubres e agora, nosso único lar.

Soa o sino estridente, o inimigo é avistado, o perigo é eminente e a morte nos contempla. Ninguém quer ir, estamos todos cansados, só queremos ir para casa.





# 1914-1918

## A UMA TRINCHEIRA DO MEU PAI

### A DESPEDIDA

"Vivem-se tempos difíceis, cresce e sê um homem", disse-me meu pai quando pela ultima vez o abracei. Em Março de 1916 o meu pai embarcou no comboio para Lisboa onde se juntou ao exercito para ir combater para Africa. Toda a Agitação que rodeou o embarque das tropas, fez-me acreditar que o meus país era grandioso e que poderíamos fazer a diferença. Estava enganado, pouco após a partida de meu pai, vi-me sozinho com a minha mãe na nossa pequena casa de pedra a olhar para as nossas mãos vazias e para a miséria que nos rodeava.

Da miséria passou a fome e as carências aumentaram quando o governo proibiu as exportações dos produtos nacionais e das colónias. Ouvia a minha mãe dizer que já não podia comprar o pão, a falta de cereais tinha levado o governo a racionar os alimentos.

### A SAUDADE

Lembro-me dos panfletos de mobilização das mulheres e crianças para a industria; a falta de homens que cada vez mais morriam nas trincheiras obrigou a que as mulheres e crianças ocupassem os lugares na produção em massa de armas e alimentos para apoiar os soldados. Vi então uma forma de estar mais perto do meu pai que tinha partido para Africa. Enquanto eu trabalhava na montagem de armamento, minha mãe vendia flores nas ruas da cidade angariando dinheiro para ajudar os combatentes que voltavam mutilados da guerra.

Anos passaram, depois de muitas revoltas nas ruas, misérias, e mesmo fome. acordo um dia e vejo o meu país devastado não pelas bombas mas pelo esforço de todos os portugueses em proteger as nossas colónias e os nossos homens.

### O REENCONTRO

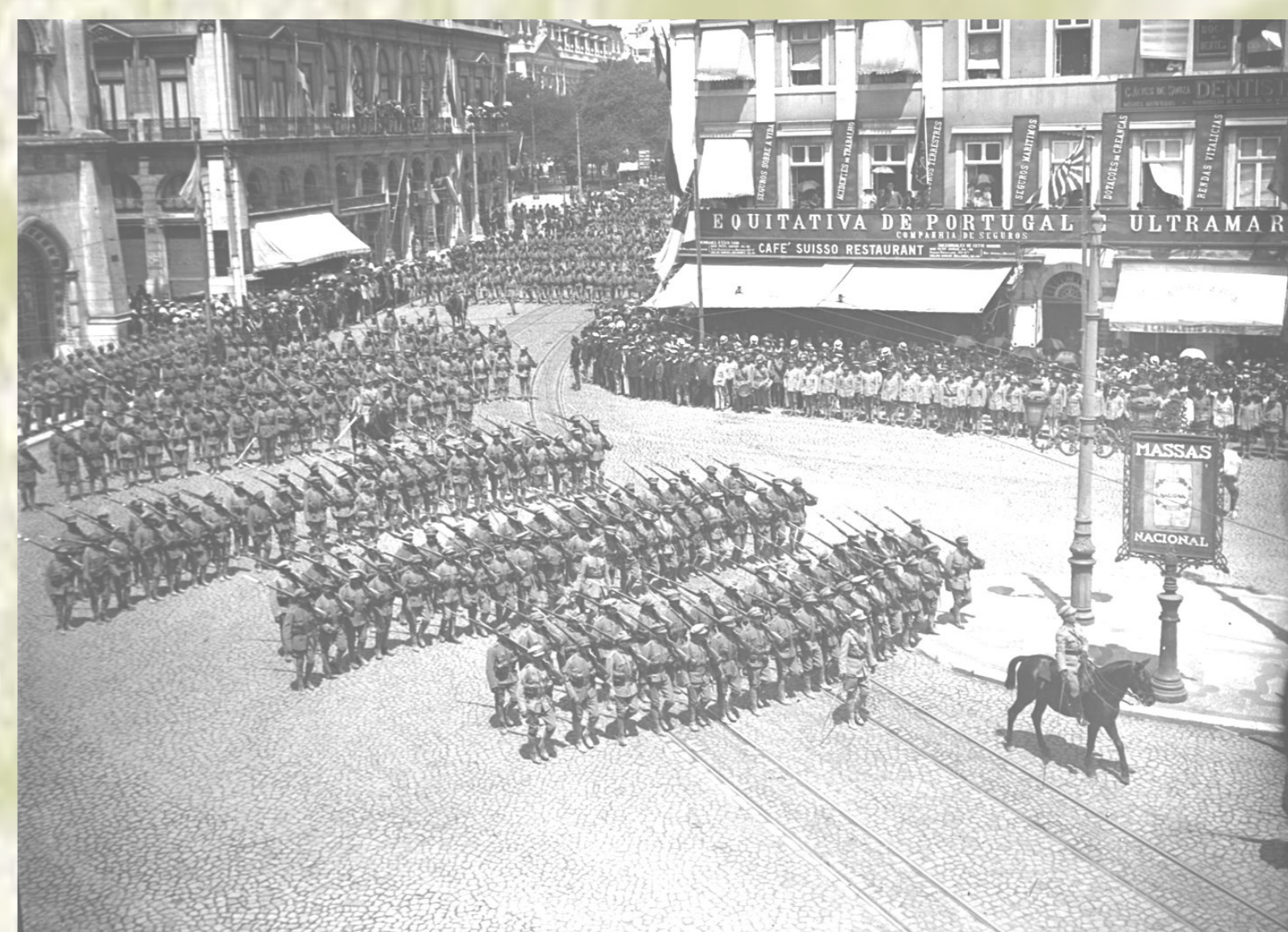
Em 1918 junto-me com milhares de outras pessoas em Lisboa ansioso por ver o meu pai; ao meu redor sinto um clima de alívio e angústia pelo regresso dos nossos pais e maridos. Mulheres choravam e gritavam enquanto aqueles heróis de guerra desgastados do combate desfilavam perante todos. Recordo ainda hoje o meu espanto com a imponência dos edifícios a minha volta, as pessoas e o barulho do marchar vitorioso de todos aqueles homens. Tenho agora o meu pai nos braços, mas olho para aqueles rostos com uma alegria por regressar misturada com uma incerteza se deveríamos a festejar ou a lamentar todas as vidas perdidas e a devastação da Europa. Mas já posso sorrir, tenho de novo meu pai junto a mim.



UM ULTIMO ADEUS, PORTUGAL1914.ORG (MODIFICADO PELO AUTOR DO TEXTO)



INDUSTRIA EM PORTUGAL 1918, PORTUGAL1914.ORG (MODIFICADO PELO AUTOR DO TEXTO)



REGRESSO DAS TROPAS PORTUGUESAS A LISBOA 1918, PORTUGAL1914.ORG (MODIFICADO PELO AUTOR DO TEXTO)

